

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LUGARES	CÓDIGO DA FICHA					
	DF/G O	01	01	10	F50	06
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Brasília Mística
LOCALIDADE	Distrito Federal e Entorno
MUNICÍPIO / UF	Valparaíso de Goiás-GO

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Culto Ifá - Ilê Alaketú Axé Ogum Tundjé
OUTRAS DENOMINAÇÕES	
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

4.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS

O entrevistado Gilson do Ogum é conhecido como Ogum Tumdjí da Casa de Lesse Orixá. Na casa de Ifá seu nome é Oxôîê Layó. (O feiticeiro que traz a grande alegria para a casa de Orumilá). Ele pertence ao Axé Alaketú e descende da família Iyá Nassô Oká, Bamboxê Obiticú, Casa Branca. Roça instalada em Salvador/BA. Gilson não fez santo em Salvador e sim no Rio de Janeiro. Na Casa Branca de Salvador, pessoas do sexo masculino não são iniciadas. Há dezenove anos Gilson foi iniciado no culto Ifá e pertence à casa de Orumilá, pelo lado da família de Auremí Ixólá Ogunxiná.

Juntamente com Gilson, entrevistamos Rodrigo de Ágüê, conhecido dentro do culto como Babá Oparoní. Iniciado na nação Ketú, Rodrigo é do axé Iyámi Ipondá, de Mauro de Oxum, filho do falecido Pai Valdomiro Baiano. Valdomiro de Xangô, conhecido dentro do culto como Barulepê, era das raízes de Mãe Meninha do Gantois.

A importância do Babá Ossaim dentro da casa de Ifá é da mesma ordem do Awó Ifá. Isso porque o Babálaô não tem o direito de manipular folhas sem que um Babá Ossaim esteja presente. Ifá sem folha não é Ifá. Uma vez Ifá com folha, Ifá completo. Orumilá (o infinito emite o som); nome genérico que determinou o Senhor do destino, é conhecido estritamente como Elá ou Agmeregum e é imprescindível para o entendimento do culto a Ifá.

- *Existe a predileção por lugares de culto terreiros em áreas afastadas dos centros urbanos?*

Na tradição, a qual Gilson está vinculado não existem recomendações para que os terreiros sejam erigidos em áreas afastadas dos centros urbanos. Ifá deixou claro que se as pessoas não pudessem ir até ele que ele iria até essas pessoas.

- *O que torna um espaço específico do terreiro um lugar sagrado?*

É o compartilhamento das pessoas em torno do mesmo objetivo ritualístico que torna um lugar sagrado. Preparado para comandar os rituais, o Babalorixá é o facilitador dessa mesma ação. A porta de entrada do Ilê, guardada por Exu, e outros departamento com axé plantado também são sagrados.

- *Símbolos, ornamento, vestes ou objetos característicos da tradição*

O Adjarim, instrumento musical popularmente chamado de adjá é um dos símbolos de destaque da tradição a qual se vincula o declarante. Também o Iroké (instrumento de Ifá), o agogô (outro instrumento musical) e o Opaxorô (elemento de sustentação que compõe a indumentária de Oxalufan), foram citados como pertencendo ao cabedal de símbolos que caracterizam as casas de culto do dirigente entrevistado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Na ordem de Ifá, para fazer previsões, Gilson utiliza os seguintes fundamentos: Opó Ifá (tabua redonda onde são riscados os Odus ou Tefá Odus; elemento que determina todo histórico de cada consulente), Orixá Afoxé (instrumento dos grandes sacerdotes que serve para dar força a tudo quanto eles dizem), e outros.

- *Qual o significado do Axé para a tradição?*

Gilson disse que axé é força astral. Então, uma casa que não tem axé fundado também não tem vida. É como um corpo sem sangue. Um axé bem fundado dura dois ou três mil anos, ao passo que o fundamento mal construído dura apenas um ano. A duração do axé determina as casas que permanecem e as que não se perpetuam. De acordo com Gilson, o Axé está para o povo de santo assim como a água, o alimento e o espírito está para qualquer ser vivente.

- *O que determina o acesso ao a interdição aos espaços da casa?*

As interdições aos espaços sagrados são momentâneas. A roça funciona como uma empresa na qual o funcionário começa em um cargo menor para depois atingir a presidência. Quando o Abiã (aquele que está nascendo para o caminho, mas ainda não foi iniciado) chega a um Ilê, ele ainda não está pronto para ter contato com as energias que circulam no ambiente.

A partir do momento que o filho de santo passa de Abiã para Iaô (noviço iniciado), ele vai conhecer alguns departamentos que em breve lhes serão familiar. Sucessivamente, vai tomando postos até chegar à condição de Ebomi (filho com mais de sete anos de iniciação que está apto a participar de todas as convenções dentro do axé). Mesmo nessa condição, o Babalorixá é quem determina se o Ebomi vai ou não entrar em um determinado espaço.

Existem determinados espaços dentro de uma casa de culto que só o Babalorixá e o Babákekerê podem ter acesso. Outros não podem ser acessados nem pelo Babalorixá, pois é da competência do Ojé (responsável pelo culto dos antepassados). Como exemplo de espaços interditados Gilson citou: Camarinha (no Ilê do sacerdote entrevistado, a camarinha ganha o nome de Olobodum). Pessoas que não fazem parte do Ilê precisam tomar banho de axé e estar de roupa branca, do contrário não podem entrar.

4.2 MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Os principais marcos edificados estão no Oníle (chão), no Olobodum (elementos que são preparados antes de serem enterrados). Também estão na casa de Abô Odé.

De acordo com Rodrigo, os antepassados diziam que as folhas deveriam ser colhidas no espaço selvagem, pois desse modo seriam melhor aproveitadas para os Orixás. Devido às devastações, feitas para que se construam as cidades, o conselho dos antepassados fica difícil de ser seguido. Assim, o candomblé precisou se adaptar a outras realidades. Precisou erigir, quando possível, dentro do seu terreiro, bosques onde são plantadas as folhas sagradas. Muitas vezes é preciso ir à Bahia ou ao Rio de Janeiro para buscar folhas que não mais existem em Brasília. A escassez de folha dificulta em muito o trabalho dos Babalorixás.

Algumas árvores sagradas são imprescindíveis, dentre elas o Igi Opê, conhecida como dendezeiro. Dessa árvore sagrada são extraídos os Mariwô; folhagens que serve ao culto dos Orixás Ogum, Iansã, Ossaim (dono, em verdade, de todas as folhas e ervas). Existe também o Igi Irôco, árvore onde mora o Orixá Irôco, Apaocá (árvore imprescindível em casas de Ketú, Apaocá significa Cajado de Oca e, popularmente, é conhecida como Jaqueira). A Aroeira, branca e vermelha, também é imprescindível, pois suas folhas são utilizadas nos sacrifícios dos quadrúpedes.

4.3 AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA USOS DIFERENCIADOS

Atualmente, a casa se abre apenas para atividades relacionadas ao Candomblé.

5. FORMAÇÃO DO LUGAR

5.1 ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

- *Quais os terreiros mais representativos de sua tradição?*

Gilson citou cinco casas de culto que são, em sua opinião, as mais representativas: Casa Branca, Gantois, Opó Afonjá, Bogum Alê e Bate-folha. De acordo com o entrevistado, todas as novas casas se originaram dessas matrizes. Com distinção, Gilson fala da importância da raiz de Iyá Nassô Oká. Para ele, o fato de três Iyalorixás permanecerem juntas, embora indo pra regiões diferentes do Brasil, denota amor e humildade. Iyá Detá, Iyá Nassô Oká e Oní Akalámabó eram seus nomes. Sem essas mulheres o candomblé não seria o que é.

- *Como se dá a interação da casa com os terreiros de sua matriz religiosa?*

Gilson diz se relacionar muito bem com as casas matrizes do axé Casa Branca, mas, por conta de suas atividades profissionais e religiosas, tem restringido suas visitas às casas, indo, mormente, as festas que a matriz promove.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

- *Historicamente, o entrevistado identifica transformações significativas por que tenha passado a tradição religiosa a que pertence?*

Historicamente o entrevistado identifica muitas transformações nas casas que saíram da raiz Iyá Nassô Oká. “Há Trinta anos, a manifestação de um Orixá era motivo de grande festa, de grande alegria. Todo mundo de boca no chão. Hoje as pessoas identificam o Orixá pelas vestimentas, pelo luxo e requinte de luxo que eles têm. Antigamente não! Agente encostava em Orixá e sentia a energia do Orixá. Hoje você abraça Orixá e não sente nada. Essas mudança veio porque as pessoas passaram a não ensinar corretamente, mas, diante de tudo que veio se perdendo, Orumilá veio suprir a necessidade de determinadas coisas na casa de Lessi Orixá. É o complemento”.

- *Como o entrevistado avalia a presença da sua tradição no Distrito Federal e Entorno?*

Na concepção do dirigente, existem poucas casas da sua raiz no Distrito Federal e Entorno. Diz que, por causa do corre-corre da vida, não atua como deveria. Em breve pretende se ocupar mais com os Orixás. Diz conhecer praticamente todo o povo de santo de Brasília, mas não tem tempo para ir visitá-los. Destacou o respeito que tem pela casa de Mãe Raílda e Pai Raimundo Ribeiro, ambos os sacerdotes se localizam no Entorno de Brasília.

5.2 NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

- *Quanto às linhagens de entidades espirituais que se integram aos cultos desenvolvidos pela casa*

Disse que tradicionalista é tradicionalista. Por isso só cultua Orixá e Ibeji o que passar disso não é culto africano e passa a ser culto brasileiro e deixa de ter algo a ver com candomblé.

- *Quanto ao sincretismo religioso*

A correspondência é uma realidade. Disse que todos são Orixás oriundos das terras Tapas e Jêjes Dahomé. Acontece que, dependendo da região, as divindades recebem nomes diferentes e passam a ser chamados de Orixás, Voduns ou Inkices, mas tudo é a mesma coisa, a energia é a mesma. O que muda é a nação e sua forma de classificação. Exemplificou dizendo que Ogum, em Jêje, pode ter o nome que tiver que vai continuar sendo Ogum.

- *Quanto às diferenças e semelhanças dos cultos praticados no Brasil e os cultos praticados na África*

No Brasil é muito difícil encontra variedades de ervas sagradas. Em África era tudo dividido: Ibô Balé (floresta onde se fazia o culto aos ancestrais), Ibô Abicú (floresta onde se fazia o culto “àqueles que nasceram para morrer”), Ibô Ogum (floresta de Ogum), Ibô Ifá (floresta de culto a Ifá). Por conta do desmatamento, a

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

flora Brasileira deixou de ter muitas ervas sagradas que deveriam ser utilizadas nestes cultos. O primeiro sacrifício pelo qual passa o iniciado, e até mesmo os objetos sagrados, tem o Ejé Ewê (sangue das folhas).

Disse que o Brasil não tem nada da África. Disse que temos culto Brasileiro que criou um dialeto Yorubá que só é usado no Brasil. Assim, o Yorubá do Brasil não é o Yorubá falado na África. Disse que os Orixás vieram para o Brasil e se adaptaram com a cultura local e com a formação dos brasileiros, mas quando um africano chega ao Brasil não entende nada, nem o que se está cantando. A tradição em África é diferente da tradição do Brasil.

Na tradição africana não existe Richelieu e as mulheres andam com os seios nus. Também não existe a parafernália que existe no Brasil. Por isso, o que se pratica no Brasil é culto afro-brasileiro. Temos um dialeto próprio, mas Orumilá entende todos os dialetos e idiomas. Se formos para os Estados Unidos, Ogum vai falar em Inglês porque os Orixás são universais e se adaptam a todos os lugares.

- *Quanto à intolerância religiosa*

É preciso ter tolerância. A intolerância é um problema cultural, educacional, pois só o bom senso e o bom caráter produzem tolerância. Só a educação é capaz de produzir um sujeito tolerante. É preciso sabedoria para saber tolerar certas coisas.

- *Sobre Exu*

Gilson diz que há divergências. Muita gente chama pênis de falo, enquanto o falo verdadeiro é uma lâmina que fica sobre a cabeça de Exu. Pênis se chama Ogó e representa a fertilidade e não a sexualidade. Todos os elementos estão ligados a Exu, ao princípio, ao redemoinho que liga a terra ao céu. Exu é o único que tem direito de falar com o próprio Deus. Exu está ombreado com todos os outros Orixás independentemente de quem ele seja com a diferença de ser o único que fala com Deus. Os demais Orixás não falam.

- *Sobre Pombas-Gira*

O culto a Pomba-gira é brasileiro e está relacionado à pajelança e a jurema. Gilson diz não conhecer do assunto. Rodrigo acrescenta que as Pombas-Gira, equivocadamente, foram relacionadas ou confundidas com uma divindade Bantu, com um Inkice que se chama Kasange. A mesma divindade chamada de Exu pelos yorubás é conhecida entre os bantus como Pambu Jila, Aluvaiá ou Mavambo. Esse sim seria o correspondente de Marabô (Exu). Existe também, pelo lado angolano, Ínkices femininos que pelo nome Pambu Jila acabaram sendo chamadas erroneamente de Pombas-Gira, entidade ligada ao catimbó e a umbanda que acabou compondo uma miscelânea cultural a envolver Orixás, Inkices, Voduns e Santos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Mesmo com essas divergências, Gilson disse que se tivesse que escolher entre o candomblé de África e o do Brasil, escolheria o brasileiro. Ele entende que no Brasil as pessoas precisam dividir a vida religiosa com a vida profissional. Segundo relatou o dirigente, na Nigéria os sacerdotes vivem do Candomblé. Aprendem na escola. Os brasileiros não. Não tem nem tempo, pois precisam cuidar da família.

Existem cultos voltados para homens e cultos permitidos só as mulheres. Culto as Iyábás e culto as Iyámis são para mulheres. Com exceção dos Babalawôs, homens não podem entrar. E o culto da sociedade Oboní, em África, é para homens. De acordo com o entrevistado, este culto se assemelha a maçonaria.

Gilson diz desconhecer a cultura de Gélédé no Brasil. Conhece esse culto em Nigéria e diz que ele é o culto das máscaras, praticado por homens que se vestem com roupas femininas para representar quatro divindades, a saber: Euá (que não é o Orixá), Aburé, Afuré, Acuré. Os indivíduos que praticam esse culto são hermafroditas e utilizam as mascaras por realizarem também o culto de Egungun (culto ancestral). O culto Egungun está diretamente ligado às questões sexuais. As mascaras servem como disfarce e resguarda a verdadeira identidade do religioso que por trás dela se esconde.

- *Sobre o Sacrifício*

Para Gilson, tudo envolve sacrifício. Levantar ou deitar em uma cama é um sacrifício. Matar um animal para oferecer a um Orixá não significa dizer que se está matando uma vida para ter outra vida. O entrevistado disse que quando um embrião está na barriga ele também se alimenta de sangue, pois é por meio do cordão umbilical que recebe todo alimento.

No momento do nascimento, Ogum dá todo caminho de vida para o recém nascido que, ao ser projetado para fora da barriga, tem contato com o sangue da mãe. Então, o sacrifício é a rememoração do momento do nascimento de uma pessoa que está nascendo para uma nova vida, a vida espiritual. Gilson lembra que o próprio batismo representa um nascimento espiritual.

Não é o sacrifício em si que é relevante, mas o desprendimento do objeto que está sendo ofertado. Ninguém faz sacrifício para jogar na lata de lixo o ser sacrificado. Muito pelo contrário, o animal sacrificado é preparado e compartilhado com a comunidade que participará do banquete festivo. O sacrifício também é uma forma de lembrar que somos caçadores, que precisamos caçar para comer. Gilson disse que daqui a cinquenta mil anos os sacrifícios ainda serão realizados porque ainda nesse tempo haverá candomblé.

- *Sobre o uso de bebidas alcoólicas nos rituais*

Nas casa de culto, a bebida alcoólica se chama Okití Idjó e é usada pelos africanos que dizem ser ela capaz de potencializar o som da voz cem vezes mais do que a boca é capaz de produzir. Falar na relação Álcool e Orixá é se referir a essa potencialização sonora. Na casa de candomblé só se bebe depois de findo os rituais, mas Gilson não oferece bebida em sua roça. Disse que quando quer beber bebe em casa. Não

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

discorda de quem bebe depois dos rituais porque nada é proibido na ordem dos Orixás que só proíbem uma coisa, o excesso.

Disse que o próprio Jesus tomava vinho e que sendo os Orixás mais antigos que Jesus estão perfeitamente corretos ao tomar o Emú ou Xequetê; bebida produzida a partir da fermentação do milho que dá origem também ao Aruá; composto de gengibre, rapadura e milho fermentado. Existe também o Aluá bebida feita com a casca da Jurema. Gilson diz não saber muito sobre essa última. O Aruá é servido para os Orixás e é utilizado na lavagem dos Ibás

O Declarante disse que não acredita em preceito de Orixá, que o Orixá exija resguardo dos filhos com o conseqüente jejum. Para ele isso é invencionice, pois se o Orixá é energia evocada não faz sentido ficar guardando uma energia que depois de evocada se dissipa. O grande preceito está no coração.

- *Sobre o transe/incorporação*

Gilson não gosta de utilizar a palavra transe e diz que o som dos atabaques desperta o Orixá e facilita a possessão que eclode da coluna vertebral. O sacerdote diz que não acredita que um espírito possa sair e dá passagem para outro.

O Orixá é uma energia condensada que, tirada da natureza, corresponde ao poder de uma bomba atômica. O espírito, ou anjo da guarda, não sai para dar lugar ao Orixá. Ele, o Orixá, localizasse na coluna vertebral. Por isso não convém dizer que ele sai do mato, da natureza, pra tomar a cabeça dos filhos de santo. Segundo Gilson, isso acontece porque na coluna vertebral localiza-se grande parte das terminações nervosas.

Ainda hoje os Orixás tomam as pessoas por inteiro. A pessoa fica totalmente desligada de si mesma e é por meio do umbigo que os Orixás se ligam aos seres humanos. Ficamos ligados a eles por meio de um cordão umbilical espiritual. Nesse sentido, assumimos a condição de filho do Orixá, cuja presença e destino se faz definir na vida de uma pessoa no momento em que ela foi gestada biologicamente. Somos capazes de mudar hábitos e costumes, mas nosso destino já está todo escrito. Nesse caso, quando uma pessoa “faz santo” de forma incorreta, fica claro que o olheiro, aquele que supostamente viu seu destino no oráculo, se equivocou. Isso pode trazer complicações para o iniciado.

- *Sobre a vida após a morte*

O Orum não representa o céu propriamente dito, mas a nona parte do mundo que é formada por nove partes. Da quinta parte do mundo nasce Oxareu. Quando o homem atingir a nona parte ele estará preparado para conhecer o “outro lado”; desprendimento do espírito que se separa da matéria. O espírito não vai para o Orum mais fica na terra em um período de descanso e depois encontra caminho para uma renovação.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

- Sobre o culto aos ancestrais*

Mães, pais, avós e avôs são ancestrais. Se somos alguém, se temos um nome, uma identidade, precisamos saber que viemos de uma cadeia reprodutiva que acabou por nos gerar. Essa é a ancestralidade familiar. A ancestralidade espiritual não está relacionada aos Babalorixás que iniciam seus filhos espirituais, mas com a família de Orixá daquele que foi iniciado. Então, essa ancestralidade vem por meio do Orixá que rege a cabeça e, para ser invocada, é preciso fazer menção aos primeiros Orixás que compuseram a família de Orixá a qual pertence aquele que culto lhe presta. Tudo é feito desse modo porque “nada é feito em lugar nenhum sem que se convoque o passado para que se viva o presente com a perspectiva de construir o amanhã”.

- Quanto às particularidades dos cultos afro-brasileiros em Brasília*

Em Brasília não difere. A única diferença é que existem pessoas conservadoras, dentre as quais, Mãe Raílda, Pai Raimundo e Pai Ricardo.

- A relação do entrevistado com seus orixás/voduns/inkices/guias/mentores/encantados, com seu povo e sua tradição*

Não escolheu. Foi convocado pelos Orixás. Ser Babalorixá estava em seu destino e seu despertar foi muito cedo, pois aprove a Deus Todo Poderoso. De Ogum para Gilson a relação é de paternidade, mas Gilson diz que é um filho relapso, inapto e cheio de defeitos. Ogum é quem lhe ajuda quem lhe adverte com regras severas. Disse que não está pronto para se sentar na cadeira de sacerdote.

Rodrigo diz que se vê como aprendiz de Ossaim que é, além de tudo, seu pai e Orixá. Diz que candomblé é uma faculdade, um mestrado, mas reconhece que o conhecimento proporcionado por Ossaim é infinito.

5.3 CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO

6. Usos ATUAIS

6.1 Usos COTIDIANOS

Normalmente se levanta as quatro e cinquenta e cinco da manhã e vai despachar a rua. Ao realizar tal ato, o sacerdote diz que está acalmando o dia. Está pedindo que o dia seja calmo, tranquilo. Depois é

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

costume recitar Orikis (rezas) que começam com a rememoração dos antepassados e termina com a menção do mais novo da casa. Em seguida o Babalorixá deve cumprimentar todos os Orixás e, conseqüentemente, seus cargos.

6.2 Usos CERIMONIAIS

Junto com as cantigas, os atabaques chamam a atenção dos Orixás. Ressalta-se o Ilú composto de dois coros, chamado Bata. O uso desse instrumento é feito na chegada dos reis que, em casas alheias, é recebido pelo Ogã que o recebe à porta tocando o Bata com uma vareta.

Os ataques resgatam e acumulam energias benéficas e os ritmos que produz estão diretamente ligados as regiões específicas de África, onde os Orixás são louvados. Deste modo, existe o ritmo de Ijexá para Oxum na cidade de Oxobô, Adarrum para Ogum na cidade de Ondó, Alujá para Xangô em Oyó. A junção do canto com o som dos atabaques faz com que os Orixás se manifestem na cabeça dos filhos e todos os Orixás dançam os diferentes toques. Existe um toque chamado Opanijé que é destinado à família de Orixás, a família Kerejebe. De certa forma esse toque está ligado ao passado, assim como o Alujá está ligado ao presente.

Celebrações mais representativas: Abó Odé (quartinhas) Águas de Oxalá, festa de Xangô, festa de Oxum, festa de Ogum. Para Gilson o candomblé é uma festa. Se o candomblé não tiver música, não tiver dança é porque ele está triste. Em casa de Santo, enquanto alguém estiver com comida no fogo é sinal de que tem Orixá esperando para comer e isso é motivo de alegria.

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Não há.	

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Não disponibilizados.

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1 DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Não disponibilizados.

9.2 REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LUGARES	DF/GO	01	01	10	F50	06
--	--------------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Registros produzidos, ver anexo de *Registros audiovisuais*.

9.3 REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registros produzidos, ver anexo de *Registros Fotográficos*.

10. OBSERVAÇÕES

10.1 APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Sim, recomendamos vivamente a viabilização de estudos interessados em adensar a leitura sobre o bem cultural inventariado em tela, e se recomendado pelo lugar de culto, a iniciativa de instruir o processo de tombamento do Ilê Alaketú Axé Ogum Tundjé.

10.2 IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

10.3 OUTRAS OBSERVAÇÕES

Nada a complementar.

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q50, cuja circulação se deu internamente ao corpo de pesquisadores.	
PESQUISADOR(ES)	Daniela Nunes, Eurípides Junior e Maurício Borges	
SUPERVISOR	Emilly Pierini	
REDATOR	Euripedes Luis Ramos Júnior	DATA 30/03/2010
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marcelo Reis	